

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA NOTURNO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Greice Nattiele Teixeira da Silva

**AS ROTINAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DA
PRÁTICA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.**

Santa Maria, RS, Brasil

2018

Greice Nattiele Teixeira da Silva

**AS ROTINAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DA PRÁTICA
DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao
Curso de Graduação em Pedagogia, como requisito
para a conclusão do curso, da Universidade Federal
de Santa Maria (UFSM-RS)

Orientadora: Prof.^a Kelly Werle

Santa Maria, RS, Brasil

2018

Greice Nattiele Teixeira da Silva

**AS ROTINAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DA PRÁTICA
DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao
Curso de Graduação em Pedagogia, como requisito
para a conclusão do curso, da Universidade Federal
de Santa Maria (UFSM-RS)

Aprovado em 10 de dezembro de 2018:

Kelly Werle, Dr^a (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Viviane Ache Cancian, Dr^a (UFSM)

Santa Maria, RS, Brasil

2018

AGRADECIMENTOS

A concretização deste trabalho só foi possível devido a todo o apoio que tive durante o processo de construção. Agradeço a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para que fosse possível a conclusão de mais esta etapa da minha trajetória acadêmica.

Agradeço à professora Kelly Werle, por toda a atenção e paciência durante a construção deste trabalho.

Agradeço também à professora Viviane por todo o apoio e orientação durante a realização do estágio.

Agradeço à turma do Pré A pela oportunidade de participar desse início das suas vidas escolares e por poder tornar às experiências construídas durante as nossas manhãs enriquecedoras.

Agradeço a compreensão da minha irmã Carol, por me apoiar durante as madrugadas de estudo.

Agradeço a minha família pela compreensão ao faltar em algum compromisso por estar envolvida com as minhas obrigações acadêmicas.

Agradeço a Deus pela oportunidade de ter chegado onde cheguei, apesar de todos os acontecimentos que tentavam impedir que este sonho fosse realizado.

RESUMO

AS ROTINAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DA PRÁTICA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.

AUTORA: Greice Nattiele Teixeira da Silva

ORIENTADORA: Profª Kelly Werle

Este trabalho focaliza as rotinas na Educação Infantil a partir da prática do Estágio Supervisionado, a qual desenvolvi em turma de Pré-Escola, nível A, com 19 crianças de 4 a 5 anos. Como objetivo geral, buscou-se pesquisar a organização e a efetivação das rotinas na Educação Infantil, a partir da prática do Estágio Supervisionado. Especificamente, refletir sobre a organização dos tempos e dos espaços como elementos que estruturam as rotinas; conhecer a organização dos tempos e espaços na rotina do Pré A; e analisar as contribuições da prática de estágio supervisionado em relação às rotinas do Pré A. Como metodologia, desenvolvi um estudo reflexivo a partir da minha própria prática do estágio supervisionado, realizado em uma escola municipal de ensino fundamental. A fundamentação teórica foi baseada em Barbosa (2006) e Horn (2004; 2017). Durante o período do estágio supervisionado consegui compreender a importância de organizar espaços pensados para cada grupo, respeitando cada criança e suas especificidades. Assim, busquei modificar a organização da rotina, pensando em tempos e espaços que respeitem a criança e que as desafie, permitindo que elas brinquem, interajam e se desenvolvam. Neste sentido, dentre as contribuições que busquei proporcionar cito: a importância da continuidade da brincadeira, a diversidade de experiências no pátio, a exploração de materiais não estruturados, o respeito ao tempo de cada criança e os interesses do grupo.

Palavras-chave: Educação Infantil. Rotinas. Tempos e Espaços. Prática Pedagógica.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 ORGANIZAÇÃO DOS TEMPOS E ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	8
3 CONHECENDO A ROTINA DO PRÉ A	14
4 ORGANIZAÇÃO DOS TEMPOS E ESPAÇOS: REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	17
5 CONCLUSÃO	24
REFERÊNCIAS.....	25

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso aborda a temática das rotinas na Educação Infantil, buscando refletir sobre a organização dos tempos e dos espaços no contexto da turma em que realizei o estágio supervisionado. A escolha pela escola em que realizei o estágio supervisionado ocorreu por ter sido a primeira em que estudei no município de Santa Maria, quando me mudei para cá em maio de 2010. Desta forma, optei em desenvolver o estágio em uma escola municipal de ensino fundamental, com a turma de Pré-Escola nível A.

A curiosidade em pesquisar as rotinas na Educação Infantil partiu de estudos realizados em sala de aula na disciplina de Contextos Educativos na Infância I e de experiências vivenciadas na Educação Infantil. Desde o início da graduação sempre trabalhei com a Educação Infantil, inicialmente, atuei por um ano na escola de Educação Infantil Imaginare com os bebês de 0 a 2 anos. Depois, trabalhei durante um ano e 8 meses na Escola Marista Santa Marta com as crianças de 5 a 6 anos.

Atualmente, trabalho na escola de Educação Infantil Balão Mágico com uma turma de Maternal II, com crianças de 3 a 4 anos. Mas, desde que iniciei a atuar nessa escola, já tive a oportunidade de trabalhar com todas as faixas etárias, desde os bebês até crianças de 6 anos. Minha atuação com as crianças tem sido uma experiência enriquecedora.

Entre os estudos realizados nas aulas da graduação e as vivências no dia-a-dia com as crianças foi surgindo, cada vez mais, a necessidade de aprofundar meus conhecimentos em relação as rotinas que as crianças vivenciam na escola, e isso envolve a organização dos tempos e espaços na Educação Infantil.

As crianças são únicas e cada uma tem um tempo de desenvolvimento diferente da outra. É preciso pensar num espaço que favoreça o desenvolvimento integral, pois pensar em rotinas na Educação Infantil significa pensar em um espaço preparado especialmente para aquele grupo, para aquelas crianças, respeitando o tempo que elas necessitam para se desenvolver socialmente.

O estágio supervisionado é um momento de aprendizagem o qual proporciona uma experiência enriquecedora, até mesmo para quem já trabalha com a Educação Infantil, pois é algo novo e diferente. Através das orientações e dos estudos realizados é possível compreender como acontece o desenvolvimento das crianças, acompanhando diariamente as relações entre os pares. O estágio também é uma oportunidade para as crianças terem uma aprendizagem mais voltada as suas

especificidades, pois naquele momento eles são o foco da aprendizagem e as aulas acontecem a partir dos seus interesses, e isso só qualifica o trabalho da escola com as crianças.

Partindo dessas ideias surgiu como problema de pesquisa: Quais são as possibilidades da organização das rotinas na prática do estágio supervisionado?

Como objetivo geral busquei, pesquisar a organização e a efetivação das rotinas na Educação Infantil, a partir da prática do estágio supervisionado. Especificamente, (a) refletir sobre a organização dos tempos e dos espaços como elementos que estruturam as rotinas; (b) conhecer a organização dos tempos e espaços na rotina do Pré A; (c) analisar as contribuições da prática de estágio supervisionado em relação às rotinas do Pré A.

Como metodologia, desenvolvi um estudo reflexivo a partir da minha própria prática do estágio supervisionado, realizado na Escola Irmão Quintino, na turma do Pré A. Inicialmente, cumpri duas semanas de observação, focalizando a rotina da turma, a organização da sala de aula, a disposição dos materiais para as crianças e a flexibilização dessa rotina. Após o período de observação, desenvolvi meus planejamentos estruturando uma rotina buscando enriquecer as experiências proporcionadas para as crianças, contemplando suas necessidades, seu tempo para brincar e construir os enredos de suas brincadeiras. Deste modo, esse trabalho se constituiu em um processo reflexivo sobre a prática desenvolvida durante o estágio supervisionado na Educação Infantil.

O trabalho está organizado em quatro partes, na primeira parte está o referencial teórico, onde abordo sobre a importância de um tempo de qualidade para as crianças na escola, buscando proporcionar experiências enriquecedoras através de Barbosa (2006), Horn (2004 e 2017) e as DCNEI's (BRASIL, 2010). Na segunda parte encontra-se a contextualização da turma do Pré A, na qual realizei o estágio supervisionado. Constam quais os pontos que observei, o que mais me chamou a atenção e que aspectos senti necessidade de qualificar a partir das experiências proporcionadas pela professora. Na terceira parte está o relato de experiência do meu estágio, contando como fiz para qualificar os tempos e espaços das crianças na escola, como organizei propostas que enriquecessem as experiências delas naquele espaço, refletindo sobre acertos e erros, e o que isso agregou na trajetória das crianças. Enfim, na quarta parte trago a conclusão desse trabalho e o quanto foi significativa a sua construção.

2 ORGANIZAÇÃO DOS TEMPOS E ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, considerada obrigatória a partir dos 4 anos de idade. É na Educação Infantil que a criança tem o primeiro contato com um espaço que está preparado para recebê-la, pensando no seu desenvolvimento.

A partir da década de 1988, a Educação Infantil foi reconhecida como direito de toda criança de 0 a 5 anos de idade. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996 em seu artigo 29 esclarece que “a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade, em seus aspectos físicos, afetivos, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

A inserção da Educação Infantil na Educação Básica, como sua primeira etapa, é o reconhecimento de que a educação começa nos primeiros anos de vida e é essencial para o cumprimento de sua finalidade, afirmada no Art. 22 da Lei: “a Educação Básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho e nos estudos posteriores”.

A Educação Infantil recebeu um destaque na nova LDB, inexistente nas legislações anteriores. É tratada na Seção II, do capítulo II (Da Educação Básica), nos seguintes termos:

Art. 29 A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem com finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30 A educação infantil será oferecida em: I – creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II – pré-escolas para crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31 Na educação infantil a avaliação – á mediante acompanhamento e registro de seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.

O período que as crianças passam na escola é onde elas têm a oportunidade de conviver, interagir, brincar e aprender uns com os outros. Cada vez mais, vem aumentando o número de crianças que estão inseridas na escola de Educação Infantil, desta forma, faz-se necessário refletir sobre a qualidade do tempo que elas estão na escola, o que está diretamente relacionado com as discussões sobre as rotinas.

Segundo Barbosa (2006, p. 35) “rotina é uma categoria pedagógica que os responsáveis pela Educação Infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver o

trabalho cotidiano nas instituições de Educação Infantil”. Alguns elementos como horário, sequência de ações, uso do tempo, etc., constituem a rotina habitualmente.

As rotinas servem para organizar o trabalho pedagógico, guiar os professores no seu trabalho diário, otimizar o tempo disponível para diversas atividades a serem desenvolvidas ao longo do dia, tarefas essas a serem cumpridas pelo professor, que geralmente, de forma equivocada, visam somente o tempo que o professor tem ou que quer levar para desenvolver determinada atividade.

Muitas escolas usam as rotinas como linha norteadora do trabalho pedagógico, e, muitas vezes, tentam enquadrar as crianças nesse modelo de organização, ditando quando todos devem comer, dormir, brincar, se comunicar, e, até mesmo, a hora em que devem ir ao banheiro.

Segundo Barbosa (2006), a importância das rotinas na Educação Infantil procede da possibilidade de se construir uma visão própria de como ocorre a concepção da educação e do cuidado. O que acaba por acontecer muitas vezes é que a rotina se delimita a uma descrição de ações, como um roteiro a ser seguido, e acaba por se tornar algo cotidiano, que apenas descreve uma sequência de ações e não nos trás o real significado de rotina que é um produto cultural produzido durante o dia-a-dia.

Se a rotina nada mais é do que uma construção diária de ações culturais, então não cabe aos professores determinarem uma rotina e sim apenas observarem as ações cotidianas e a partir dessas ações organizar uma rotina que favoreça o desenvolvimento das crianças, sem se limitar a materiais, tempos a serem seguidos e aos espaços.

Segundo Salva (2015), o tempo que as crianças levam para conseguirem brincar e explorar um lugar não se pode julgar e cronometrar na lógica adulta. Para uma criança nunca vai ser suficiente apenas 30 min em uma pracinha, ou na piscina, ou na quadra. A passagem do tempo para as crianças é sentida e percebida de outra forma, estando relacionada aos significados construídos em suas brincadeiras e explorações do espaço.

O tempo cronometrado é o tempo do adulto, o *cronos* segundo Hoyuelos (2015), pois ele vive pensando em tudo que tem para fazer, quanto tempo tem e quanto tempo pode levar para fazer determinada ação, prendendo-se ao emprego desse tempo. Já a criança não entende esse tempo cronometrado, pois para ela isso é algo muito complexo. Ela não consegue entender quando é dito que ela tem 15

minutos para lanchar ou 30 minutos para brincar na pracinha. Para ela o tempo passa de uma forma diferente, o tempo não pode ser cronometrado, pois ele precisa ser sentido, o *kairós*, segundo Hoyuelos (2015), que é esse tempo mais intenso e vivido. Para as crianças as coisas devem acontecer quando elas precisarem e não quando o adulto determinar, por isso, o planejamento deve ser centrado na criança.

Neste contexto, a rotina na Educação Infantil não deve se basear no tempo que pode ser cronometrado e sim no tempo vivido, sentido, proporcionando que a criança consiga brincar, pensando e organizando espaços que proporcionem as interações e as brincadeiras. A rotina é uma categoria pedagógica que deve levar em consideração as necessidades das crianças, visando a sua interação e socialização.

Segundo as DCNEI (BRASIL, 2010, p.19) “para efetivação de seus objetivos, as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos”.

Muito ouve-se falar em respeitar o tempo da criança, em respeitar suas especificidades, mas pouco se respeita de verdade essas particularidades de cada uma. É na escola de Educação Infantil que a criança começa a se relacionar e interagir com os outros, mas como a criança vai interagir com o outro se ela for obrigada a ficar sentada por 4hrs das 6hrs em que está na escola geralmente?

É na Educação Infantil que a criança aprende a brincar com os pares, que ela começa a compreender e a dar sentido para a brincadeira, e isso torna essa experiência muito rica, pois segundo Borba (2009), “ao brincar a criança não só apenas expressa e comunica suas experiências, mas as reelabora, reconhecendo-se como sujeito pertencente a um grupo social e a um contexto cultural, aprendendo sobre si mesma e sobre os homens e suas relações no mundo”. E durante a troca de aprendizagens que acontece nessas brincadeiras entre os pares é que ela tem a oportunidade de explorar a sua relação com o outro, de aprender a melhor forma para se comunicar com os pares para conseguir ser compreendida.

Organizar rotinas para a Educação Infantil significa pensar em um espaço preparado para a criança, organizado conforme as necessidades de cada grupo de criança, respeitando o tempo que cada criança necessita para brincar, aprender e se desenvolver. Envolve planejar um espaço que favoreça o desenvolvimento integral da criança como um sujeito social, que produz conhecimento, cultura e significado.

Sabe-se que o espaço na Educação Infantil não é algo somente físico, mas dele também fazem parte as relações que são estabelecidas, sendo que o professor é o mediador dessas relações de uma criança com a outra, da criança para com o saber, e da criança para com o mundo. É a partir do espaço que ele proporciona que essas relações acontecem. Então, cabe ao professor organizar um espaço que oportunize que essas relações aconteçam da melhor forma possível.

Segundo Horn (2017 p.18) “o termo ‘espaço’ refere-se aos locais onde as atividades são realizadas, e caracteriza-se pela presença de elementos, como objetos, móveis, materiais didáticos e decoração [...] ‘ambiente’ por sua vez, diz respeito ao conjunto desse espaço físico e as relações que nele se estabelecem”.

Desta forma, no processo de aprendizagem não se considera somente o meio físico e material, mas também as interações que são constituídas nesse meio. Portanto, quando pensamos em espaços para a Educação Infantil devemos sempre levar em conta o que a criança pode imaginar a partir daquele espaço, observar como ela vai interagir tanto com as crianças quanto com os adultos, nas construções das suas brincadeiras e quais as estratégias que a criança utilizará para chegar em cada um dos seus pares, observando desta forma como este espaço contribuiu para que isso seja possível.

Através da brincadeira a criança produz um conhecimento significativo, observando uma criança brincar percebe-se o conhecimento que ela possui, e que, muitas vezes, é desvalorizado quando, no meio de uma brincadeira, o professor ordena que guardem os brinquedos porque acabou o tempo de brincar. De acordo com Augusto (2015) a criança tem a necessidade de continuar com a brincadeira por varias vezes seguidas, essa necessidade de voltar a brincar de onde parou que dá sentido a brincadeira.

Segundo Horn (2004) espaço na Educação Infantil deve proporcionar que as crianças se desafiem, que elas busquem novas experiências, que lhes permitam um contato com o novo, que elas recriem o brincar com aquilo que elas já conhecem, mas de uma forma diferente, que a criatividade delas seja cada vez mais explorada.

O espaço é o mediador das ações das crianças, é onde acontece todo o enredo da brincadeira, assim como os materiais que nele estão disponíveis. Para isso, é necessário que seja organizado um espaço que promova essa interação entre as crianças, de modo que, seja possível possibilitar que eles tenham mais contato com aquilo que é de seu interesse. É preciso que estes espaços sejam projetados

pensando no que ele poderá proporcionar às crianças e no que elas poderão criar a partir dele. Segundo Horn e Gobbato (2015), a ação que as crianças desenvolverão neste espaço estarão descentralizadas do educador, e serão norteadas pelo desafio proposto com os materiais e brinquedos, através da forma como organizarmos este espaço, por isso devemos ter muito cuidado durante esta organização.

Para organizar um espaço que proporcione este tipo de aprendizagem podemos levar em conta diversos fatores, como escolher atentamente cada móvel que vai estar naquele espaço, estar atento a disposição destes móveis, se ele está adequado para aquela faixa etária, se ele permite que as crianças tenham autonomia de pegar o que tem nele, se o móvel é útil para aquele momento, para aquela atividade.

Após a escolha dos móveis, devemos escolher os materiais e objetos a serem oferecidos naquele espaço, e isso envolve conhecer o espaço onde esses materiais vão ser oferecidos, pensar numa forma de organizar o espaço de uma maneira que seja convidativo para as crianças, criando um ambiente harmonioso, algo que chame a atenção de cada um individualmente. Segundo Horn (2004) a escolha dos materiais a serem oferecidos para as crianças deve permitir que eles imaginem, que eles não fiquem limitados e presos a um modo de brincar que eles já conhecem, como se o brincar fosse algo engessado, que só há uma maneira de brincar e que todo o resto está errado, pois não existe certo e errado, e sim maneiras diferentes de brincar.

Ao elaborar um espaço com diversos materiais não estruturados estamos proporcionando às crianças a possibilidade de criar uma brincadeira através do novo, algo que pode ser reinventado a todo momento, isso provoca a imaginação das crianças, pois o mesmo material pode fazer parte de várias brincadeiras diferentes. Até mesmo se, todos os dias, colocarmos os mesmos materiais para eles brincarem, cada dia ele será reinventado, isso acontece porque o material não estruturado não os diz que existe um modo certo de brincar.

Mas só pensar em um espaço que desafie as crianças não significa que elas vão ter experiências significativas, é preciso aproximar as crianças desse espaço, para que ela se aproprie dele e a partir dele dê significado a sua brincadeira, nesse contexto é importante o professor como adulto experiente, que observa, desafia, faz a mediação e planeja os espaços de acordo com as necessidades de cada grupo.

Por isso a importância de um olhar atento ao que chama a atenção e desperta a curiosidade das crianças, tendo cuidado em proporcionar experiências prazerosas

para as crianças, de modo que elas se identifiquem com o espaço, com a atividade proposta. E o adulto que deve ter um olhar atento, para observar o que deu certo e o que precisa ser modificado,

Pensar em rotinas na educação infantil significar enxergar a criança como protagonista do trabalho pedagógico, porque se a criança que é o sujeito da ação não for favorecida qual o sentido de pensar uma rotina?

A organização do trabalho pedagógico deve fazer com que a criança se aproprie do conhecimento que ela está tendo contato, através dos objetos oferecidos, das relações interpessoais. A criança deve estar num ambiente onde se sinta acolhida, segura e satisfeita, capaz de lidar com seus anseios, num ambiente rico em experiências, essencial para a construção de sua identidade.

3 CONHECENDO A ROTINA DO PRÉ A

A Escola de Municipal de Ensino Fundamental localiza-se na zona leste de Santa Maria/RS, no bairro Caramelo. A minha escolha por fazer nesta escola o estágio foi por conta de já ter sido aluna da escola e também por morar perto, além disso, é uma escola muito acolhedora com todos que chegam.

Aqui encontram-se pontos importantes que notei durante o período de observação, e que se fizeram necessários para uma reflexão do modo como iria planejar as intervenções pedagógicas.

A turma do Pré A, é no turno da manhã e tem 19 crianças, regidos por uma professora, sem auxiliar, dos quais tem 10 meninas e 9 meninos. É uma turma tranquila, receptiva e acolhedora. Apesar de alguns sentirem uma certa insegurança para ficar na aula, o que é muito comum devido a faixa etária, estão sempre dispostos a qualquer atividade que for proposta. As crianças, geralmente, costumam levar brinquedos de casa para a sala de aula para brincar no primeiro momento da manhã antes do lanche.

As famílias são muito participativas, sempre dispostas a ajudar no que for preciso, levando materiais solicitados, alimentos, participando de passeios, de festas, etc.

As crianças gostam muito de brincar de massinha, com os brinquedos de casa, com os brinquedos da sala, mas têm pouco interesse em livros e nas atividades que a professora leva, dispersando-se rápido e sendo necessário que a professora interfira para que consigam terminar a atividade antes do final da aula.

Durante o período do recreio dos professores, as crianças são direcionadas para a sala do Pré B, para que as duas professoras possam lanche, onde assistem a desenhos ou filmes infantis, mas que não tem ligação nenhuma com o trabalho pedagógico realizado.

As crianças gostam de explorar tudo que lhes é oferecido, experimentando todas as sensações possíveis, mas no início são um pouco resistentes a experimentar algo diferente do que estão acostumados, mas com incentivo eles vão aceitando.

É uma turma que costuma brincar em pequenos grupos, que são sempre os mesmos, os quais dificilmente se misturam ou diversificam, pois possuem interesses e características diferentes.

A rotina da turma começa com a chegada deles às 07h e 45min, ao entrarem na sala as crianças costumavam brincar com os brinquedos de casa ou com os

brinquedos da escola. Durante o momento de brincadeira livre costumavam haver alguns conflitos por causa dos brinquedos, os quais se resolviam com negociações, na maioria das vezes. Mas, quando o conflito demorava para ser resolvido, a medida tomada era guardar o brinquedo que estava causando a briga. Ao observar pude notar que os conflitos sempre voltavam, seja por um brinquedo ou por um desentendimento de interesses em brincadeiras diferentes.

Muitos conflitos ocorriam não porque eles queriam o mesmo brinquedo ou porque um não queria brincar da mesma brincadeira que o outro, mas sim porque aquilo tudo já não era mais interessante para eles. Percebi que, desde o início do ano eles brincavam com os mesmos brinquedos todos os dias, e faziam exatamente as mesmas ações nos mesmos horários.

O problema não estava nas crianças e sim na organização do ambiente e na seleção dos materiais e brinquedos a serem oferecidos para que eles brincassem durante este período livre, e também por eles já saberem que aquele tempo era limitado. Isso tudo acabava causando uma certa ansiedade nas crianças que acabava sendo manifestada através das brigas com os colegas e em choros.

Depois da brincadeira era a hora de guardar os brinquedos, e começava uma nova guerra, pois uns acabavam se negando a guardar, outros não queriam ajudar, outros além de não ajudar bagunçavam o que os outros já haviam guardado e era sempre bem complicado, pois era somente alguns que guardavam, mas todos brincavam.

Na hora do lanche as crianças tinham 10 min para comer o lanche de casa e o da escola, então basicamente eles só engoliam o lanche, alguns só comiam o de casa, pois na hora que iam pedir o da escola o tempo já estava esgotado. As crianças tinham o direito de escolher o que gostariam de pedir do lanche, não sendo obrigados a comerem o que não gostavam, como em muitas escolas acontece geralmente. Depois de lancharem eles escovavam os dentes, porém nas instalações da escola na parte onde ficava a Educação Infantil, estava com um problema no abastecimento de água, então, às vezes, não era possível escovar os dentes porque não tinha água suficiente para todos.

No momento da atividade pedagógica, no período em que observei, geralmente a professora dava alguma folha sobre as vogais e também sobre a semana da pátria. Não vi, em momento nenhum, ela pedir para que eles fizessem algum desenho, solicitava apenas que pintassem. Algumas crianças não estavam muito interessadas

em pintar aqueles desenhos e acabavam se distraíndo com qualquer outra coisa, e, muitas vezes, eram impedidos de ir na pracinha por terem se atrasado na atividade.

Eles adoravam ir na pracinha, era o momento de estar livres para correr, e brincar, dava para ver o prazer deles em brincar livremente.

As atividades no pátio eram limitadas às aulas de Educação Física, que eram ministradas por outra professora. Durante esses momentos as crianças aproveitavam para correr pelo pátio e pouco se concentravam-se na aula, pois como eles tinham pouco contato com o pátio queriam explorar ao máximo aquele espaço.

A exploração do espaço externo da escola é importante na Educação Infantil, permitir que a criança se suje, caia, corra, se molhe, é essencial para o desenvolvimento da criança. É preciso possibilitar que ela vivencie essas experiências para que conheça as sensações que aquilo lhe causa, pois, muitas vezes, em casa essa criança não tem a oportunidade de viver essas experiências, por medo e superproteção dos pais ou por morarem em espaços limitados, como em apartamentos ou condomínios. Então, se na escola a criança não puder ter essa experiência onde que ela vai ter a oportunidade de vivenciar isso?

Brincar nos espaços externos da escola permite que a criança desenvolva a sua criatividade para brincar, melhora o desenvolvimento motor pois eles correm, pulam, sobem e descem de lugares, e isso produz um conhecimento de mundo muito significativo. Segundo Horn (2017, p. 86) “brincar com terra e água, assim como poder subir em árvores são atividades consideradas distantes e pouco importantes”, isso porque se tem o entendimento que na escola infantil se deve aprender “passivamente”, preferencialmente sentados.

Por isso, quando as crianças têm a oportunidade de brincar no pátio, elas extrapolam e acabam não se concentrando nessas atividades dirigidas, pois elas querem aproveitar o máximo que puderem aquele ambiente externo, afinal sabem que logo terão que voltar à sala de aula e que estarão condicionados a ficarem sentados.

4 ORGANIZAÇÃO DOS TEMPOS E ESPAÇOS: REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Durante o período que antecede o estágio supervisionado realizei as observações na turma do pré A, onde observei atentamente em que poderia contribuir para melhorar a rotina da turma, pensando em como organizar um espaço harmonioso que contribuísse para a aprendizagem das crianças, partindo do pressuposto de que para organizar uma rotina devemos pensar atentamente em tudo que envolve esta organização, como o uso dos tempos, móveis, materiais, disposição dos móveis.

Segundo Barbosa (2006), o espaço e o tempo estão profundamente ligados e são características dos seres humanos, esses espaços e tempos criam uma subjetividade que impacta os grupos sociais que neles estão inseridos. O espaço é o elemento material através do qual a criança experimenta diversas sensações, como o calor, o frio, a luz, o som, a cor, é através desse espaço que a criança estabelece relação entre o mundo, por isso a importância de se pensar em espaços que favoreçam o desenvolvimento da criança levando em consideração o tempo que ela necessita para se desenvolver, e isso só pode ser percebido através da observação das ações das crianças.

E a rotina deve levar em consideração esses aspectos, estabelecendo essa relação entre os espaços de aprendizagens e o tempo que a criança necessita para se desenvolver naquele espaço.

Sabemos que o espaço não deve limitar a criança nos seus movimentos e ações, que ele deve permitir que a criança seja livre para escolher onde e com quais materiais quer brincar, de modo que estes espaços vão aos poucos se tornando significativos para as crianças.

Segundo Horn (2004) é necessário que a criança vá se descentralizando da figura do adulto, que ela se perceba como o centro da aprendizagem, e para isso é necessário que sejam organizados espaços que permitam a criança se sentir o centro da ação pedagógica e utilizar isto como principal parceiro pedagógico do educador.

Para organizar esta rotina observei cuidadosamente quais eram os interesses da turma, o que mais chamava a atenção de cada um, pensei também em como poderia contribuir para que eles tivessem mais autonomia na sala para escolher com o que gostariam de brincar. Pensei em objetos e materiais que pudessem aproximar as crianças do seu cotidiano e permitisse que eles criassem a partir disso.

Observei também atentamente tudo que era preciso mudar naquela sala de aula, pensei em propostas que envolvessem as crianças na organização da sala, pensando em que lugar poderíamos colocar cada material e objeto, então elaboramos uma lista de tudo que era preciso colocar em um lugar acessível para que eles pudessem pegar na hora em que quisessem.

Depois da reorganização da sala em conjunto com as crianças pude pensar mais detalhadamente em como propor atividades que permitissem que eles imaginassem e criassem brincadeiras a partir daquele espaço. Então, propus um espaço que aproximasse as crianças do seu cotidiano, com as panelas e materiais de cozinha, coisas que eles já estão acostumados a ver as famílias utilizarem e que, provavelmente, eles tinham curiosidade de usar também.

Fotos 1 e 2: crianças brincando com os materiais de cozinha reais.



(fonte: arquivos pessoais)



(fonte: arquivos pessoais)

Segundo Horn, (2004) qualquer coisa pode ser usada de maneira lúdica, então propus um espaço com roupas de adulto pensando que eles fossem se fantasiar com elas, mas a partir das roupas, eles criaram uma loja. Assim quem quisesse aquelas roupas tinha que comprar e como dinheiro eles estavam usando as tampinhas de garrafa, porque segundo eles as tampinhas pareciam moedas. Então, pude notar a destreza com a qual eles manuseavam aquele dinheiro, apropriando-se do conhecimento matemático que era preciso para fazer compras. Eles falavam do preço da roupa para quem quisessem comprar e davam o troco de volta, e tudo isso em uma brincadeira, ocorrendo naturalmente.

Foto 3: criança vestindo as roupas comprou na loja dos colegas.



(fonte: arquivos pessoais)

Nesses dois primeiros espaços que foi proposto pude observar como é importante aproximar as crianças do seu cotidiano, permitindo que eles possam se apropriar do conhecimento e experienciar situações que já estão acostumados a ver no seu dia-a-dia. Explorando algo que já lhes é familiar e que, muitas vezes, já tem curiosidade para brincar, mas que infelizmente não podem pelo pensamento de que aquilo não é coisa de criança brincar ou que a escola não é o espaço para esse tipo de brincadeira.

Segundo Horn (2004), com a faixa etária de 4 a 6 anos é comum observarmos as crianças vivenciando cenas do seu cotidiano, então organizei um espaço de salão de beleza, onde puderam se apropriar dos conceitos de cuidado com o corpo e cuidado com o outro, uns passavam creme nos outros, passavam perfume, penteavam o cabelo, usavam a chapinha, secador, imaginando estar em um belo salão de beleza. O que me chamou a atenção também foi o fato de que os meninos estavam brincando junto nesse salão de beleza, passando batom nas meninas, e uns nos outros, brincando livremente sem rótulos de brincadeiras para meninos ou meninas. Mas, isso causou um certo descontentamento de algumas famílias no dia seguinte, pois os meninos que passaram batom acabaram por contar em casa, o que fez com algumas mães se mostrassem descontentes com o fato e pedissem que não fosse mais permitido isso. Então expliquei que aquilo era apenas uma brincadeira de criança e não significava nada do que elas estavam pensando, pois eles só queriam saber qual a sensação de passar o batom e ao invés de repreender e fazer com que aquilo se tornasse um tabu, resolvi permitir para que então matassem sua curiosidade.

Foto 4 e 5: crianças se maquiando no salão de beleza.



(fonte: arquivos pessoais)



(fonte: arquivos pessoais)

Ao pensar em um espaço que pudesse incentivar o cuidado com o outro, planejei alguns objetos para os cuidados com as bonecas, então levei algumas roupas de bebê para que pudessem vestir as bonecas e uma bacia para que pudessem dar banho. Para a minha surpresa, além de brincarem com as bonecas, eles começaram a fazer um varal de roupas, pois como os seus filhos haviam usado as roupas, eles precisavam lavar. Então, pude perceber que eles foram muito além do que eu mesma pude imaginar.

Foto 6: crianças brincando de vestir as bonecas.



(fonte: arquivos pessoais)

Foto 7: varal de roupas lavadas.



(fonte: arquivos pessoais)

Um grande desafio foi desconstruir o conceito de brinquedo que eles já tinham, mostrando novas possibilidades para que a brincadeira acontecesse, mostrando-lhes que é possível brincar com coisas simples, como tampinhas de garrafa, caixas, garrafas, potes de iogurte. Mas só colocar esses materiais não era suficiente, era

necessário no começo colocar elementos que eles já estavam acostumados a brincar para então tornar-se possível que a brincadeira acontecesse.

Foto 8 e 9: crianças explorando os materiais não estruturados.



(fonte: arquivos pessoais)



(fonte: arquivos pessoais)

Outro momento muito significativo durante o período de estágio eram as brincadeiras no pátio com propostas de desafios corporais, onde eles eram desafiados a acharem um modo de conseguir realizar o circuito, onde pode-se perceber a capacidade que a criança tem de enfrentar os desafios que lhe são propostos isso porque, segundo Carvalho (2011), a criança necessita correr, pular, engatinhar, subir e descer, sem certo e errado, buscando apenas uma maneira de concluir o objetivo.

De acordo com Kischimoto (1993) as brincadeiras auxiliam no desenvolvimento de questões importantíssimas que precisam ser aprendidas na infância, como: esperar a sua vez, saber que algumas vezes ganhamos, mas em outras vezes perdemos, saber que existem regras e que elas precisam ser cumpridas. Muitas das atividades dos circuitos eles fizeram igual uns aos outros, mas o desafio de passar por baixo da corda foi onde eles me surpreenderam, pois cada um achou a maneira que seria melhor para conseguir passar. Foi interessante a forma como cada um percebeu que não tinha certo e errado para passar, e como cada um se desafiou.

Foto 10, 11 e 12: crianças brincando no pátio.



(fonte: arquivos pessoais)



(fonte: arquivos pessoais)



(fonte: arquivos pessoais)

Durante o processo de reestruturação da rotina da turma do Pré A, foi necessário um olhar atento a tudo que era interessante para as crianças. Como a necessidade de uma continuidade na brincadeira após o lanche, pois, às vezes, eles estavam empolgados brincando e era preciso guardarem tudo para irem para o lanche, e lá se ia todo o encantamento com a brincadeira que eles haviam levado tempo para conseguir construir.

Segundo Augusto (2015) a experiência que a criança está construindo necessita de continuidade, para que a ela consiga se apropriar do conhecimento, de modo que, se limitarmos o tempo para a brincadeira estaremos impossibilitando que a criança consiga dar seguimento, experimentando novos materiais e novas possibilidades.

Neste sentido, no estágio busquei contribuir para a continuidade das brincadeiras, permitindo que eles deixassem os materiais do modo como estavam, nós íamos para o lanche e ao retornar eles podiam continuar de onde tinham parado. Percebi que, para eles isso foi muito significativo, pois puderam sentir o quanto que a sua construção pode ser valorizada.

Outro ponto importante foi perceber a necessidade que eles tinham de brincar na pracinha, pois, às vezes, passavam a manhã inteira na sala e não tinham a oportunidade de ir na pracinha por conta de uma colega que o pai não queria que fosse por ter se machucado nas últimas vezes. Então, como alternativa para irmos à pracinha, sem excluir a colega que não podia ir, levamos alguns potinhos para brincar na areia, e assim permitindo que todos aproveitassem aquele espaço, proporcionando que todos brincassem.

Foto 13 e 14: Crianças brincando na pracinha.



(fonte: arquivos pessoais)



(fonte: arquivos pessoais)

Desta forma, refletir sobre a organização da rotina, significa pensar em tempos e espaços que respeitem a criança e que as desafie, permitindo que elas brinquem, interajam e se desenvolvam, portanto, a organização da rotina para a Educação Infantil está muito além de uma simples sequência de ações.

5 CONCLUSÃO

Conclui-se com esse trabalho que a organização dos tempos e espaços nas rotinas da Educação Infantil está muito além de ser apenas uma forma de organizar e otimizar o tempo, mas sim em proporcionar espaços que favoreçam o desenvolvimento integral, respeitando as singularidades e as especificidades, encontrando a melhor forma de atender aos interesses de cada criança.

É necessário levar em consideração a relação que é estabelecida entre os espaços e a criança, estando atentos para o tempo que a criança leva para conseguir explorar este espaço, e entender que a rotina não pode ser vista como um item isolado, mas sim como uma sequência de ações que parte das crianças a partir das relações que elas estabelecem nesse espaço e o tempo de cada criança.

Cada criança é única e possui interesses diversos, mas além de proporcionar que elas tenham experiências com o que elas já possuem interesse, é necessário possibilitar que, de uma maneira respeitosa, elas ampliem os seus conhecimentos, pois segundo Mello e Farias (2010, p.54) “não devemos restringir seu acesso às formas mais elaboradas de cultura”.

Também devemos oportunizar que a criança tenha o acesso a recursos diversos para brincar, criar e explorar, ampliando as possibilidades e o conhecimento de cada um para além dos brinquedos estruturados.

Com a realização deste trabalho pude ampliar o meu conhecimento acerca das aprendizagens construídas na Educação Infantil e foi possível um melhor entendimento sobre os fatores que envolvem a organização dos tempos e espaços nas rotinas da Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Silvana de Oliveira. **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas**. Edipucrs. Porto Alegre 2015.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por Amor e Por Força: Rotinas na Educação Infantil**. Artmed. Porto Alegre 2006.

BORBA, Angela Mayer. **A brincadeira como experiência de cultura**. Autores Associados. São Paulo 2009.

BRASIL, **Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/ Sef, Vol. II, 1998.**

CARVALHO, M. C. ROSSETI- FERREIRA, (et.al) **Os fazeres na Educação Infantil**. Cortez. São Paulo, 2011 12ªed.

GOBBATO, Carolina; HORN, Maria da Graça Souza. **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas**. Edipucrs. Porto Alegre 2015.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons e aromas: A organização dos espaços na educação infantil**. Artmed. Porto Alegre 2004.

HORN, Maria da Graça Souza. **Brincar e interagir nos espaços da escola infantil**. Penso, Porto Alegre 2017

HOYUELOS, Alfredo. **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas**. Edipucrs. Porto Alegre 2015.

KISCHIMOTO, Tizuco M. **Jogos tradicionais infantis; o jogo a criança e a educação**. Petrópolis; Vozes,1993.

MELLO, Suely Amaral; FARIAS, Maria Auxiliadora. **A escola como lugar da cultura mais elaborada**. Artigo. 2010.

SALVA, Sueli. **Pedagogias da infância, crianças e docência na Educação Infantil**. Caxias. Santa Maria 2016.